



ModaPalavra e-periódico

E-ISSN: 1982-615X

modapalavra@gmail.com

Universidade do Estado de Santa

Catarina

Brasil

Fernandes Filho, Aurivar

Breve Histórico da Beleza Masculina

ModaPalavra e-periódico, núm. 6, julio-diciembre, 2010, pp. 59-79

Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514051717007>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Breve Histórico da Beleza Masculina

Aurivar Fernandes Filho

Graduando de Psicologia – Univali – Campus Biguaçu
aurivar_fernandes@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo pretende historicizar a beleza masculina através dos tempos, desde a masculinidade no Egito antigo, até o homem metrosssexual de hoje. Como método de investigação utilizou-se a pesquisa qualitativa, bibliográfica; fazendo uso de artigos e livros de diversas áreas que tratam da beleza (filosofia, história da arte e geral, moda, educação física, etc.). Com isso, buscou-se nos períodos históricos pesquisados, definir a beleza masculina e as características desta, averiguando a existência de diferenças e/ou semelhanças em cada um deles. Percebeu-se assim, semelhanças em cada período no que tange à beleza quanto às formas, uso de roupas como forma de reforçá-la, simetria, estética, valorização da juventude e, quanto à forma física, semelhança entre os homens egípcios antigos e o metrosssexual da atualidade. Por fim, notou-se uma preocupação masculina com a beleza em todos os períodos pesquisados com suas particularidades, sendo essa preocupação não exclusiva do universo feminino.

Palavras-chave: beleza, masculino, perfeição.

Abstract

This article seeks to historicize the male beauty through the ages, from masculinity in ancient Egypt until today's metrosexual man. The method of investigation used the qualitative research literature, making use of articles and books that deal with diverse areas of beauty (philosophy, art history and general fashion, physical education, etc.). Thus, we sought in the historical periods studied, the male beauty and define the characteristics of this, checking the existence of differences and / or similarities in each. It was noticed as well, similarities in each period in relation to beauty as to the forms, use of clothing as a way to strengthen it, symmetry, aesthetic, and exploitation of youth, as to physical similarity between the ancient Egyptians and metrosexual men today. Finally, we observed a male preoccupation with beauty in all periods studied with its own particularities, and this concern is not unique to the female universe.

Key-Words: beauty, male, perfection.

1. Introdução

Adentrar o terreno da beleza pressupõe explorar uma área de preocupação que acreditavam as pessoas ser exclusivamente do público feminino, com seus enfeites, ornamentos, pinturas, roupagens e acessórios. Atualmente, essa mesma preocupação expandiu-se também para o masculino; hoje angustiado pelo desejo de alcançar um ideal de beleza sempre exposto pelos principais meios de comunicação como TV, internet, revistas e jornais; meios que teimam em exibir corpos musculosos, sem barriga, peles bem cuidadas e sem pêlos, cabelos com cortes que acompanham a moda.

O macho, com sua rudeza no portar-se e na aparência, cedeu lugar a um novo tipo de homem, segundo o escritor Mark Simpson na metade da década de 90, o metrossexual que é um novo modo de exercer a masculinidade, preocupado com a beleza e refinado no comportamento para consigo mesmo e seus pares (FLOCKER, 2004). Mais do que falar desse novo homem, já comentado por alguns autores na contemporaneidade, este trabalho, visa descrever a beleza masculina ao longo da história (de modo breve), iniciando com os egípcios até os dias atuais, com a beleza metrossexual (GARBOGGINI, 2008; FLOCKER, 2004; GARCIA 2004).

Para tal intento, inicialmente cabe-nos informar que o conceito de beleza sofreu algumas alterações durante os séculos, pois segundo ETCOFF (1999) a beleza para Marsílio Ficino, Baldassare Castiglione e Safo era associada ao que é bom; logo, a feiúra era associada ao pernicioso, ruim, louco, etc. Por outro lado, para Platão, Santo Agostinho, Aristóteles e Cícero a beleza residia na simetria, proporção e harmonia entre as partes; além disso outros autores mais modernos descrevem a beleza como “um sistema monetário, assim como o ouro. Como qualquer economia, é determinada pela política e, na idade moderna no Ocidente” (WOLF, 1991 *apud* ETCOFF, idem, p. 11). Dito de outra maneira existe uma indústria mercadológica que cria os ideais de beleza e se vale destes para movimentar dinheiro.

Mais do que isso, a beleza relaciona-se aos corpos e, resulta de uma construção social que definirá aquilo que é belo, e que “expressa e reproduz relações de gênero e as posições sociais de cada sexo” (MOTA, 2008, p.5). Como uma construção ela é também histórica, pois mudará através das mudanças ocorridas nos costumes e valores de cada sociedade. Por isso, aspectos como roupa, acessórios e corpo tornam-se presente nesse regresso ao estudo da beleza masculina, pois simbolizavam não só a beleza, mas muitas vezes a masculinidade/virilidade, intrinsecamente relacionados.

Beleza é definida, segundo o dicionário Aurélio, como “qualidade de belo, pessoa bela, coisa bela, muito agradável ou muito gostosa” (FERREIRA, 1999, p. 285); semelhante a definição da beleza adotada por alguns pensadores da antiguidade, pois a beleza foi alvo de reflexão dos grandes filósofos. Para os pré-socráticos, a beleza estava associada ao Cosmos, através das características: harmonia e simetria. Entrementes, a beleza se associava à bondade ou ao que era bom, para Platão e Safo. Segundo adiante, o filósofo Aristóteles que, quando questionado sobre o porquê das pessoas almejarem a beleza, este respondeu: “Ninguém que não é cego faria esta pergunta”. (ETCOFF, 1999, p. 11), o qual mostra o lugar ou importância da mesma naquele período.

Entretanto, adotaremos como definição de beleza como: multifacetada e que “assumiu faces diversas segundo o período histórico e o país: e isso não apenas no que diz respeito à beleza física (do homem, da mulher, da paisagem)” (ECO, 2004, p. 14); mais do que isso, uma construção social; portanto, relativizada no que se refere a parâmetros e critérios para identificar o belo, pois aspectos como proporção que foram adotados como inerentes à beleza, mudaram de sentido conforme as épocas, apesar dos princípios da aritmética e geometria (*idem*).

Assim, cabe salientar que, mesmo que mudanças e/ou transições históricas ocorram, conforme explicitou Elias (1997), aspectos e/ou tradições permanecem em maior ou menor grau no presente, em função da força destas para as sociedades. Nesse caso, apesar de uma construção social, podemos dizer questionar se aspectos dessa conceituação de beleza apresentada estão presentes nos períodos que nos antecederam na história; e se existem quais são eles?

Sabendo-se que o culto ao belo esteve ligado à história da evolução humana e por influência de diversos fatores como a época e cultura, diferentes padrões e ideais de beleza foram adotados. Na tentativa da conquista por um corpo belo e ideal, há milênios a humanidade utiliza-se de diversos artifícios e produtos. Entretanto, a preocupação masculina com a saúde e, sobretudo, com a beleza, parecem ter alcançado grande importância na modernidade, pelas mudanças ocorridas principalmente na questão estética para os homens com o novo modo de vivenciar a masculinidade, como citado anteriormente (BASSANI E VAZ, 2007; MOTA, 2008).

Saliento que se trata de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica, a qual resgatará a história da beleza masculina, por meio de textos sobre a própria história, arte, moda, educação física e etc., exibindo gravuras para uma melhor compreensão do texto, visualizando o ideal

de beleza masculino, para que se possa compreendê-la através dos tempos e as possíveis mudanças ocorridas durante a evolução histórica.

Desse modo, o presente trabalho visa resgatar os padrões de beleza masculina ao longo da história até os dias atuais e as mudanças ocorridas através dos tempos; haja vista, não ser encontrado em bases de dados algum trabalho que trate da história da beleza masculina de modo à historicizá-la.

Ainda assim, tal pesquisa pretende informar e esclarecer o lugar da beleza no mundo masculino através dos tempos e os modelos de beleza masculina, para que se possa possibilitar aos mesmos, uma nova concepção e quiçá a “aceitação” da beleza/saúde masculina através da preocupação com o cuidado com a estética e consequentemente com o corpo, sem que com isso associe-se a preocupação com a beleza, corpo e saúde ao feminino e/ou homossexualismo, conforme a visão machista ou da masculinidade hegemônica (CONNELL, 1997).

2. A Beleza Masculina na História

2.1 A Beleza Masculina no Egito

Inicialmente trataremos da história egípcia e do ideal de beleza masculino de tal época. Para isso, convém posicionarmo-nos quanto à história do Egito e compreendermos a dinâmica dessa civilização¹.

Assim, Vicentino e Dorigo (2002) apontam que a civilização egípcia estruturou-se em favor da terra e dos canais de irrigação controlados pelo Estado que subordinava a população para obras de tais canais, através de uma soberania centrada na pessoa do faraó, graças à unificação dos reinos do Alto e Baixo Egito em 3200 a.C. Sua história divide-se em Antigo Império, período no qual houve grandes dificuldades como fome, pestes e tributações e revoltas sociais e diminuição das enchentes do rio Nilo pelas chuvas - estas possibilitavam a irrigação das terras, tornando possível a agricultura-, descentralização política e invasões asiáticas; Médio Império, no qual se restabeleceu o poder no faraó, ampliaram-se os canais de irrigação, tornado Tebas a nova capital do país e acúmulo de riqueza pela nobreza e trabalho escravo, mas também invasão estrangeira ocasionada pelo descontentamento do povo diante da centralização do poder e por fim o Novo Império, momento no qual houve expulsão

¹ Atualmente, o Egito é um país que se localiza no continente Africano, banhado pelo Mar Mediterrâneo e o Mar Vermelho. Sua população atual é de aproximadamente 70 milhões de habitantes, tendo como idioma o árabe e capital o Cairo.

dos povos invasores – hicsos -, houve forte sentimento de união e nacionalidade devido ao domínio pelo povo estrangeiro, mas constituiu-se principalmente de expansão de territórios, conquistas, porém devido a problemas de ordem interna que dividiu novamente o país em dois reinos, até passar por novas invasões, sendo parte do império Persa, sendo ocupado por vários povos entre eles: romanos, árabes e por fim ingleses.

Desse modo, a cultura, economia e a sociedade egípcia tinham como base a religiosidade e a soberania apoiada na pessoa do faraó – daí o nosso interesse em descrever os modos, roupas e utensílios do mesmo. As imagens que se tem dos faraós na antiguidade foram resgatadas graças à arte egípcia que ligada à religião, apontava preceitos e as crenças daquele povo; entretanto a escultura foi um dos grandes marcos para manifestar artisticamente os egípcios, pois esta revelava aspectos como: fisionomia, classe social a raça, dentre outros. Entretanto com a pintura, as criações artísticas ganharam leveza e variação de cores (PROENÇA, 2002).

A respeito da beleza Maggie Rutherford, esclarece que no período egípcio haviam dois adjetivos usados para referir-se a beleza, o qual englobava objetos e pessoas, que incluíam "n" e "NFR". Com relação à versão masculina, Nfrw, apontava sempre para a beleza de um homem jovem ou mesmo de um jovem, declarando que na arte egípcia o ideal de beleza era representado por um jovem esbelto e com quadris estreitos, com algumas variações no referido ideal; considerando que os atributos da juventude eram prezados e desejados como ideais de beleza, pois como na arte egípcia a fisionomia deveria ser retratada com detalhes, as rugas são pouco retratadas, além do cinza nos cabelos. Ela ressalta ainda que a simetria servia como base para o ideal do corpo masculino, sendo demarcado por dois triângulos, a saber: ombros largos e uma cintura fina.

Com relação ao vestuário, os egípcios usavam uma saia curta (*chanti*), uma ou várias pulseiras e anéis, além de um pingente de jade, preso a um grande cordão; as sandálias eram somente usadas em momentos apropriados – inclusive pelos faraós-, com relação aos mesmos, além de usarem a saia curta, utilizavam-se de pele de leopardo (que era curtida) com a cabeça e as patas, pois as garras serviam como presilhas; após um tempo fizeram uso de uma túnica que continha franjas, longa e tinha como característica a semi-transparência que permitia ver o *chanti* – usado no Novo Império (VICENTINO & DORIGO, 2002; LAVER, 2003).

Para os trajes de festas, exibiam jóias e braceletes, colares, peitorais, pulseiras e perucas - vale ressaltar que alguns deles tinham a cabeçada rapada. Vale lembrar que a

exuberância nos traje e adereços não valia para as classes inferiores na sociedade egípcia, formada por camponeses e alguns escravos presos em períodos de guerras (IDEM).

A preocupação com a beleza não se restringia somente aos ornamentos e roupas, pois segundo Charlotte Kuchinsky, para os egípcios, a aparência física foi um dos grandes focos de atenção; o peso, por exemplo, era controlado seguindo uma dieta de frutas e verduras e evitando o consumo de carnes; tendo os bustos finos, quadris cheios e barrigas planas (na linguagem atual: sarados), mantendo-se eretos e caminhando com elegância. O odor do corpo era inaceitável, daí o uso de banhos e cremes (leite, mel e lama), a retirada de todos os pêlos (estes simbolizavam a impureza), máscaras faciais (com ovos de formiga e tinta) além do uso de óleos que eram friccionados sobre a pele para mantê-la perfumada, tais como: mirra, amêndoas, camomila, menta, cedro, rosas, etc. Além de todo esse aparato usado para o embelezamento, o uso de maquiagem é uma das características dos povos egípcios, usada tanto pelas mulheres, quanto pelos homens, mesmo porque esta possuía uma função de espantar as moscas presentes no deserto.

Ainda sobre a preocupação com a beleza nesse mesmo período, podemos aferir no percurso da mesma através dos séculos que:

Os museus guardam dessa época achados que comprovam a preocupação com a estética corporal: taças de ungüentos, colheres para pinturas, paletas de pigmentos, estiletes para delinear, jarras contendo produtos de maquiagem ainda intactos são encontrados no Louvre, em Paris. Produtos que revelam uma preocupação milenar com a beleza, com os cuidados com o corpo.

Banhos esfoliantes com argila, massagem com óleos e maquiagem eram recursos que deusas, faraós, sacerdotisas, rainhas e escravas se utilizavam para seus rituais de embelezamento. (SOUZA, 2004, p.57)

Assim vemos que a preocupação com a beleza não era somente uma característica feminina, mas também masculina. Entretanto, mesmo sendo esta uma preocupação maior e porque não dizermos, um privilégio para as classes mais favorecidas na organização social hierarquizada do país, o ideal de beleza egípcio voltava-se para a juventude e cuidados com o corpo como forma de embelezarem-se; e dentre outras preocupações, encontrava-se vestuário, pois “o vestuário é a expressão e ao mesmo tempo ferramenta de fabricação da beleza” (MOTA, 2008, p.6) aspectos também valorizados na contemporaneidade.

2.2 A Beleza Masculina na Grécia

Não podemos deixar de destacar que as relações de gênero perpassam também os conceitos de beleza e a exaltação da mesma. A posição de homens e mulheres em dada sociedade e período histórico influenciaram consideravelmente a valorização do que era considerado belo. Desse modo, podemos mencionar que a Grécia foi uma das civilizações onde a beleza feminina não era destacada, mas que privilegiou a beleza masculina- não é de estranhar que a sociedade grega tinha predominância masculina e somente os homens portavam o título de cidadãos (VICENTINO, 1997) - intensamente relacionada com a política e com os ideais de virilidade (MOTA, 2008) que dessa maneira valorizava as formas do corpo masculino, através da prática de esportes que se iniciava na adolescência, imprescindível para o desenvolvimento corporal completo, não somente o corpo, mas, igualmente os gestos, postura e andar (SENNET, 2001).

Por sua vez, Santos (1997) declara que esse ideal, de um corpo forte e esteticamente desenvolvido, surgia de uma necessidade coletiva frente às inúmeras guerras e batalhas às quais tal civilização constantemente se encontrava. Mais do que isso, a forma de subsistência – agricultura-, que requeria um trabalho braçal devido ser uma região acidentada e com pouco uso de animais para esse intento.

Podemos ainda acrescentar que esse mesmo ideal de beleza vislumbrado no corpo, estava associado à idéia de perfeição que se voltava para a purificação do espírito, como parte da formação do cidadão; mais do que isso, faz referência a uma máxima a qual atribui aos gregos: “não há educação sem esporte, não há beleza sem esporte; apenas o homem educado fisicamente é verdadeiramente educado e, portanto, belo” (RUBIO, 2002, p.131). Assim em seu artigo, a autora traz uma rica explanação sobre os jogos olímpicos na Grécia, realizados em algumas cidades e em homenagem a vários deuses (Zeus, Apolo, Athena, entre outros), aludindo ao fato do esporte ser um dos três pilares da educação, letras e música (CAGIGAL, 1979; TUBINO, 1992 *apud* RUBIO, 2002).

Não somente isso, mas o esporte tinha como finalidade a modelação corporal, conservar a saúde física ou como um meio de encontrá-la novamente (ROCHA, 2008). Ainda assim, permitia ao homem grego, aproximar-se dos deuses e consequentemente da perfeição através de um corpo belo, com rapidez e força; também, como método para preparar soldados à guerra (MATOS, GENTILE & FALZETA, 2004).

A visualização das estátuas gregas como forma de representar e ostentar a beleza masculina, através da arte, serve-nos para corroborar a importância da beleza e culto ao corpo daquela sociedade. Assim, Gollner e Fraga (2003, p. 6) através das obras de Fernando de

Azevedo utilizam-se da estátua de *Antinoüs* para descrever um ideal de beleza por meio de um corpo físico desenvolvido pela prática de esportes.

Vicentino (idem) informa-nos também que a cultura grega influenciou grandemente a civilização ocidental através de suas concepções de beleza consideradas clássicas, na pintura, escultura e arquitetura, através das concepções de harmonia e equilíbrio. Buscava-se a representação de uma beleza ideal, por meio da expressão psicofísica da beleza, para assim harmonizar a alma e o corpo - beleza das formas e bondade da alma -, pois, referindo-se ao corpo humano, as qualidades do caráter e também da alma possuíam grande relevância para os gregos - apontada como primeira definição da beleza para os gregos (ECO, 2004). De igual modo, para os homens - gregos antigos - , aquele que era o bom cidadão da *polis*, tinha de ser um homem “*kalós kai agathós*”, dito de outro modo, belo e virtuoso (CASTELFRANCHI, 2006).

Além dessas características, Eco (2004, p.74) faz alusão ao fato de que a simetria e proporção, eram de suma importância na concepção e ideal de beleza. Assim, todas as partes do corpo deveriam estar em plena adaptação, segundo o sentido dito como geométrico. No século IV a.C. foi criada por Policleto uma estátua denominada de Cânone, esta dispunha de todas as regras da proporção, além de mais tarde Vitrúvio² “exprimir as justas proposições corporais em frações da figura inteira: a face deve ter 1/10 do comprimento total, a cabeça, 1/8, o comprimento do tórax, 1/4, e assim por diante...”.

Referente ainda à beleza, sobre as palavras de Galeno:

Críspio [...] afirma que a beleza não reside nos elementos singulares, mas na harmoniosa proporção das partes, na proporção de um dedo em relação ao outro, de todos os dedos em relação à mão, do resto da mão em relação ao pulso, deste em relação ao antebraço, do antebraço em relação a todo o braço. Enfim, de todas as partes em relação a todas as outras, conforme está escrito no Cânone de Policleto (ECO, 2004, p.75).

Percebe-se assim uma particular importância à simetria e à proporção entre as partes no que se refere à beleza e/ou ideal de beleza; havendo uma preocupação quanto aos números e estes à figura humana e artes (fossem esculturas ou arquitetura).

Cabe ressaltar que algumas esculturas traziam elementos religiosos da época, descrevendo os deuses que eram comparados aos humanos. Alguns deles descrevem ideais de beleza – o que nos interessa-, tais como Adônis – considerado deus da beleza e modelo de beleza masculina, assim a sua história mitológica resumidamente descrita abaixo, juntamente

² Marcos Vitrúvio Polião foi arquiteto e engenheiro romano que viveu no século I a.C.; escreveu a obra *Architectura* (aproximadamente 40 a.C.), servindo como base para a Arquitetura Clássica.

com sua figura, ilustra a beleza de tal deus, tal história relata a grandiosidade da beleza de Adônis ao ser disputado por duas mulheres que eram deusas (Afrodite e Perséfone), era a própria personificação do ideal de beleza formado na simetria do corpo de um homem.³

Outras obras demonstraram também o culto da beleza através do corpo, como por exemplo, a estátua O Apolo do Belvedere, produzida na metade do século IV, 350 a. C. (GOMBRICH, 1995). Para ilustrar a grandeza de tal estátua, Petrus Camper, anatomista e artista holandês do século XVII, utilizou-a como modelo de beleza, definindo-a como extremamente superiores aos homens mais belos já vistos (ETCOFF, 1999).

2.3 Beleza Masculina na Idade Média e Período Renascentista

O período medieval foi estruturado como um sistema denominado feudalismo, no qual abrangia a economia, o social, política e a cultura na Europa. Esse momento histórico foi dividido em Alta Idade Média (séculos V até X) e Baixa Idade média (século X até XV). Aqui cabe salientar que o feudalismo surgiu devido às invasões e ocupações bárbaras germânicas na parte ocidental europeia no Antigo Império Romano. Assim, essa estruturação do feudalismo se fez presente num período de guerras e busca de poder; nesse ínterim, criou-se a cavalaria medieval que idealizava a honra, lealdade e heroísmo e pertencer à mesma correspondia a um status de aspiração de um nobre (VICENTINO, 1997). Mais do que isso, correspondia a um código de condutas que envolvia a proteção da honra feminina e os fracos, porém limitava-se a nobreza – condes, barões e o título de cavaleiro, o qual era conquistado (SOBOL, 1959).

Desse modo, discorrer sobre a beleza na idade média é pisar num terreno em que a força da religião esteve presente na dominação dos corpos, gestos e costumes morais e, mais ainda, ditar as normas e as mesmas condutas. Portanto, falar da beleza remete-nos ao que Schmitt (1995 *apud* DAMBROS, CORTE & JAEGER, 2008) atenta para as três virtudes declaradas pelo apóstolo Paulo - fé, esperança e caridade -, como bases na teologia da igreja e mais quatro virtudes denominadas por Cícero como a “beleza moral”, tais como:

scientia, o discernimento do verdadeiro, a prudência e a sabedoria; beneficentia, o ideal de justiça, dando a cada um o que lhe é devido; fortitudo, a força e a grandeza da alma, que inspiram o desprezo às coisas humanas e temperantia ou modestia, que consiste em cumprir toda ação e pronunciar toda palavra com ordem e medida.⁴

³ Disponível em: <<http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/mitologia-grega/adonis.php>>. Acesso em 08/03/2009.

⁴ Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd121/o-corpo-na-idade-media.htm>>. Acesso em 08 mar 2009.

Isidoro de Sevilha (560 a.C.) delineava a beleza do corpo na época medieval através de parâmetros, tais como uma pele rosada (uma das primeiras qualidades), corroborando tal afirmativa através da etimologia das palavras de que a beleza física vinha de *venis*, ou seja, do sangue, assim como *formosus*, ou ‘belo’, vem de formo - o calor que move o sangue; deste origina-se também *sanus*, do que não é pálido” (ECO, 2004); descrevia ainda que os olhos seriam belos quando houvesse luminosidade e mais ainda quando verde-azulados⁵ e o valor de uma aparência sã num período em que se morria jovem e pela fome.

Além dos aspectos morais, Sobol (1959) elucida ainda que as questões ligadas à preocupação com vestuário e moda faziam-se presentes no cotidiano medieval, porém com exclusividade para a nobreza, pois seu traje expunha sua grandiosidade; dessa maneira havia uma produção de vários tipos de tecidos produzidos pelos ingleses (linho, sarja, lona, etc) e alguns importados da Sicília e Bizâncio (cetim, tafetá e veludo), mesmo porque a roupa masculina variava conforme a temperatura, cor, tecido e a preferência das esposas. O autor descreve também os tipos de acessórios e vestimentas usadas, como: botas, meias, ceroulas, gorro, mantas, chapéus, capuz e capas; ainda assim, deleitavam-se em finos tecidos (em ouro e prata) e buscavam sobressair-se uns aos outros através da ostentação de seus mantos – os condes e barões deveriam ter seus mantos ornamentados com jóias e, tendo como forro as peles de esquilo.

Entretanto, a partir do período denominado de Baixa Idade Média, ocorreram mudanças ocasionadas por diversos fatores, dentre eles o religioso – lembremo-nos que a idade média era permeada pela religiosidade, na qual Deus era o cerne das preocupações -, através do movimento de reforma protestante, liderada por Martinho Lutero, no qual se desejava questionar as idéias religiosas. Tal movimento ocasionou mudanças em vários aspectos sociais da vida cotidiana na Europa: nas instituições e também no que se referem às crenças e valores religiosos e morais, os quais permitiram uma abertura maior quanto às possibilidades de pensar o lugar do homem no mundo e aos novos ideais que surgiriam - que trataremos a seguir.

Destarte, a Península Itálica foi considerada berço do movimento renascentista, em função da sua localização geográfica, porém, a partir do século XV foram disseminados na Europa os ideais renascentistas⁶ através das artes, os quais ilustravam uma nova visão de homem: o antropocentrismo: sendo o homem o centro do universo – mais valorizado e

⁵ Cabe aqui ressaltar que a partir do século XII, a cor azul era valorizada por contribuir nos vitrais para criação e um efeito celestial; a cor verde foi considerada superior as outras e símbolo da natureza.

⁶ Além do Antropocentrismo e o hedonismo, outros ideais de igual maneira contribuíram para as mudanças supracitadas como: classicismo, naturalismo e o racionalismo.

centralizado nas preocupações científicas e sociais; porém, um dos ideais que chama a atenção e convém tratarmos é o hedonismo, pois valorizava o corpo, os prazeres e o culto do belo (MOTA & BRAICK, 2002); tal momento é importante na desconstrução das ditaduras de normas e condutas religiosas.

Cabe aqui dizer que esse período foi dedicado à beleza feminina, muitas obras retratavam a beleza de seus corpos, amparadas pela harmonia e proporção. Ainda assim, partindo dos ideais renascentistas, o homem foi expresso nas artes com seu poder e uso dos prazeres, daí a representação desse prazer por meio de uma aparência quando não robusta, gorda: dentre eles podemos citar Ludovico e Alexandre Borgia – desejado pelas mulheres de seu tempo (ECO, 2004).

Nesse tocante, Novaes e Vilhena (2003) aludem ao fato de que no século XVI, nas peças escritas por Shakespeare, constatou-se uma valorização à gordura corpórea por representar confiança e a magreza, sinônima de maldade, astúcia e que poderia ser perigosa e traíçoeira; com relação ainda a este assunto, a gordura era associada à saúde, enquanto a magreza assemelhava-se a miséria em tempos de escassez de alimentos.

Entretanto, o rei Francisco I, era considerado “o belo” por algumas características diferentes das supracitadas, como por exemplo: alta estatura e força física, alcançada pelas caçadas, além de cometer excessos à mesa e, há quem diga na cama (JACQUART, 2005). Nas pinturas nas quais ele é retratado, percebe-se uma semelhança dos homens ao seu redor com ele, provavelmente como forma de retratar a beleza – ou um ideal de beleza -, presente na pessoa do rei que deveria ser seguida pelos seus súditos.

Poderíamos citar grandes mestres da arte renascentista que influenciaram grandemente a história da arte e consequentemente a visão do belo, como por exemplo, Leonardo da Vinci, Donatelo, dentre outros. Porém mais do que falarmos de obras de arte, trataremos de um grande artista (e suas obras é claro, para ilustrar a beleza masculina) que dedicou grande parte de sua vida a retratar o homem e a beleza masculina, colocando como tema de suas obras: Michelangelo de Buonarroti.

Michelangelo nasceu em março de 1475, na Itália; foi escultor, pintor, poeta e arquiteto renascentista. Algumas obras de cunho religioso foram realizadas por ele, como por exemplo, o teto da capela Sistina, localizada na cidade do Vaticano, na qual apresenta em forma de pintura relatos bíblicos como a criação de Adão e Eva, o dilúvio, o juízo final – considerado como um dos marcos da arte - e etc.

Assim, suas obras demonstravam os ideais renascentistas e o homem como centro do mundo, além do hedonismo presente na busca em retratar a beleza masculina. Atentando para

esse tema foi que Barreto e Oliveira (2004) elucidam que a arte de Michelangelo se voltava para sua paixão pela beleza masculina, emocional e esteticamente. Além disso, era extremamente cuidadoso no nu masculino (mais do que qualquer outro artista)⁷. Outro ponto de particular importância refere-se aos ideais de beleza dos gregos, ao qual se direcionavam suas obras, quanto ao equilíbrio das formas. Diante disso é compreensível a fascinação do artista em preocupar-se demasiadamente com o nu masculino (corpo), haja vista, ser a beleza do corpo para ele, a encarnação divina na forma humana, contudo, de modo passageiro.

Tais referências são facilmente percebidas quando observamos algumas de suas obras, em especial aquelas que mereceram grandes títulos como na pintura - criação de Adão - e na escultura, Moisés, considerada a maior obra masculina e Davi, ambos de cunho religioso, mas representados pelos ideais do artista nas questões do corpo, beleza e sua visão de homem, ponto explicado pelo filósofo Mearleau-Ponty (1960) ao afirmar que a vida e obra do artista se mesclam sem sabermos onde começa e onde terminam. Percebe-se nas esculturas uma presença da força física nos braços, pernas e no equilíbrio das formas, o corpo masculino considerado belo, semelhante aos de Deus.

2.4 A Beleza Masculina nos Séculos XVIII e XIX

A beleza masculina no século XVIII estava altamente associada à ostentação. Alguns autores descrevem que a masculinidade nesse período, principalmente na Inglaterra, não possuía uma conotação rígida de cobrança ao modelo de comportamentos viris ou machistas; esses homens demonstravam certa “feminilidade” nos gestos e até permissividade para práticas homossexuais. Ainda assim, neste momento a moda surge como forma de individualizar as aparências, promover uma diferenciação entre as pessoas através da exibição estética e indumentária, pois foi justamente nessa época que a moda surge também como forma de separar as pessoas através de classes, o que originava a ambição na ascensão social (BRANDINI, 2003).

Entretanto, a preocupação com a aparência fazia-se igualmente presente ao verificarmos que os homens usavam perucas, saltos, maquiagem e acessórios. Entretanto, tal vestimenta foi modificada frente ao momento histórico e às questões sociais na época, além dos ideais defendidos pela Revolução Francesa (1789) – principalmente a igualdade – e

⁷ Disponível em: <<http://mestres.folha.com.br/pintores/09/curiosidades.html>>. Acesso em 18 mar. 2009.

também a Revolução Industrial (17760-1860), que de certa forma evidenciava a distinção de classes (QUEIROZ, 2009).

Com isso, Bessa (2009) descreve que um dos grandes representantes dessa exuberância foi o rei Luis XIV, também conhecido como o rei sol; foi o primeiro a usar sapatos altos (devido a sua baixa estatura) adornados com laços, pedras e solas vermelhas, grandes perucas, túnicas, golas com rendas e gravatas; todos os adereços apontavam para uma exibição que pressupunha dignidade, mesmo porque foi considerado um dos que implantou modismos. Tal preocupação direcionava-se também para arquitetura que exibe uma ostentação de luxo e grande quantidade de cômodos (2000 janelas, 700 quartos, 1.250 lareiras) visto ter sido no período do rei Luis XIV, a construção do palácio de *Versailles*. Assim, Carelli (2005) descreve que a preocupação do referido rei com o luxo demonstrava sua vaidade que, para ele, deveria estar em todos os lugares para ostentar também seu poder; além disso, em seu reinado o luxo ultrapassou a nobreza, tornando-se desejado por todos; sua influencia era devastadora, pois tudo o que usava, era copiado e/ou seguido por todos na França.

Ainda no século XVIII, outros aspectos relativos à preocupação com o corpo se fizeram presentes; houve um retorno ao culto de um corpo ideal, moldado e baseado na cultura grega, principalmente no que se aludia ao masculino. Para isso, tornou-se necessário a implantação de técnicas que tornassem possíveis alcançar esse ideal, assim surgiu a ginástica no final deste século, com o objetivo de alcançar a força, o vigor e a beleza, traduzida num corpo robusto, ligado a uma valoração moral e coragem – atributos de um homem. Inclusive criou-se um livro denominado Ginástica para a Juventude – autoria de Guts Muth, 1793 -, divulgado para fundamentar a importância dessa prática como auxílio na formação e desenvolvimento dos jovens para que se tornassem assim viris e moralmente bons. (OLIVEIRA, 2004).

Contudo, a partir do século XIX influenciado pela Revolução Industrial e com ela, mudanças estruturais na economia e relações sociais, influenciaram diretamente a maneira de vestir das pessoas e fez-se presente na aparência dos homens; o refinamento e a elegância soberba cederam lugar a uma despersonalização e austeridade de um homem empreendedor. Houve assim, uma unificação de padrões e condutas, influenciados pelo valor dado ao trabalho nas indústrias. Porém, ao mesmo tempo a preocupação com a roupa, modos e gestos,

tornaram-se preocupação excessiva dos indivíduos por demonstrarem sua personalidade ou seu “eu”⁸ que não poderia ser visto abertamente (BRANDINI, 2003).

Diante desses fatos, faz-se necessário ressaltar que os ornamentos extravagantes presentes no século anterior, são neste momento de preocupação femininas, voltadas também para uma cultura estética. Ainda sobre essa época, os homens abdicaram da pretensão de rotularem-se como belos, passando então a preocuparem-se com a praticidade (FLUGUEL, 1930 *apud* ANDERSON, 2002)⁹.

Na esteira desse pensamento Laver (1989) pontua igualmente nesse período, uma mudança no modo de vestir do homem, ou seja, as roupas extravagantes eram vistas como deselegantes; a cor desapareceu do vestuário masculino, dando lugar a uma sobriedade nas cores preto e azul-escuro, cartolas (usadas em todas as classes sociais), calças muito apertas presas ao arco do pé (pantalonas), sobretudos¹⁰; pontuemos que para um homem ser considerado bem vestido, necessitava de quatro tipos de casacos: sendo quatro casacos para a manhã, sobrecasaca, casaca e sobretudo (um de cada), seis calças para o dia e uma para noite, quatro coletes para o dia e um para noite, luvas, chapéus, lenços e gravatas, ou seja, uma roupa dita como distinta e não extravagante.

2.5 Beleza do Século XX e XXI

A beleza nesta época segundo Eco (2004) é tratada como “reprodutível”, “perecível” e também passageira, voltada para o consumo e a freqüente substituição; para ele até o final do século XIX e até metade dos anos 60 (século XX) houve uma luta entre a beleza provocativa (trazida pelo movimento vanguarda que quebrou a harmonia) e a beleza de consumo, a qual propõe uma beleza calcada nos ícones da moda (modelos) expostos nas capas de revistas, cinema e televisão (*mass media*¹¹), mas nenhum ideal em específico, devido justamente a essa plasticidade e efemeridade das formas ou beleza – um ícone pode servir de inspiração por uma semana e modificar na outra.

Sobre essa mesma influência midiática no século XX, Flocker (2004) destaca os inúmeros ideais de beleza masculina que a indústria hollywoodiana “despejou” como, por

⁸ A característica de individualidade fez-se presente somente na modernidade, período em questão.

⁹ A autora nesse artigo contraria a defesa do autor citado, pois segundo ela, havia sim uma preocupação com o vestuário e a elegância, mas seguindo os padrões de masculinos presentes na época.

¹⁰Eram de vários tipos: *top cast*, *chesterfield* - levemente acinturado – e o paletot, um casaco curto que substituía o sobretudo em algumas ocasiões.

¹¹ São sistemas de reprodução e difusão de informações, geridos por empresas que se especializam em meios de comunicação de massa (rádio, TV, cinema, livros, discos, etc).

exemplo: Rudolph Valentino, Clark Gable, Cary Grant e Marlon Brando; estilos e/ou ícones de beleza, presos a uma ideal de masculinidade e virilidade.

A partir da metade do século XX, em função dos meios de comunicação de massa, os corpos se reproduziram não só pela pintura, mas atingiram um grande número de indivíduos por meio da fotografia, jornais, revistas, cinema, televisão (PAIM & STREY *apud* ROSÁRIO, 2004)⁵. Além disso, no período que compreender os anos 30 a 50, os símbolos de beleza, eram homens esguios, tais como os intitulado *James Bond*, nos filmes 007 e Clark Gable. Logo após esse momento, chegando às décadas de 80 e 90 a beleza e o corpo se reproduziram por meio dos super-heróis, como o super-homem, homem-aranha e homens musculosos com Sylvester Stallone em Rambo; cabe aqui ressaltar a influência dos concursos *mister mundo*, nos quais eram exibidos homens com corpos definidos e musculosos para determinar dessa maneira uma nova visão não só de masculinidade, mas também de beleza a ser seguida por todos.

Para uma melhor exemplificação da grande influência da cultura na valoração desse ideal descrito acima, Pope (2000), em sua pesquisa sobre a imagem que os homens têm de si mesmos no que se refere ao corpo, descreve que o crescente interesse pela valorização de um corpo musculoso e viril, é extremamente associado à masculinidade; e inicia-se na vida de um menino através dos bonecos que reproduzem os super-heróis vistos na tevê. O referido autor toma como exemplo, o boneco *Falcon* e mostra através de fotos a evolução corporal de tal boneco, comparando-os com os heróis da modernidade, tais como: *Wolverine*, *Batman* e *Iron Man*, exemplificando esta mudança e conceito através da altura e tamanho do corpo de tais bonecos.

Entretanto, tratarmos do século XXI, convém trazermos a tona um movimento denominado pós-moderno, no qual os modelos a serem seguidos podem ser denominados por Bauman (2001) como líquidos, escorregadios e inconstantes; parece não haver um protótipo de masculinidade, corpo e beleza a ser seguido; mais do que isso, uma constante transformação e re-transformação de conceitos, valores e principalmente, identidade. Partindo desses pressupostos - dessa constante busca e inovação de conceitos e estereótipos-, as constantes mudanças sociais, a mídia, o comércio de cosméticos, etc., culminaram no metrosssexual como a forma de beleza masculina do momento atual. Esse termo foi criado e divulgado pelo jornalista Mark Simpson, sendo utilizado por ele pela primeira vez em 1994 no jornal inglês *The Independent*, descreve-o como:

Um jovem com dinheiro pra gastar, que vive numa metrópole ou perto dela, porque é onde as melhores lojas, boates, academias e cabeleireiros estão. Ele pode ser assumidamente gay, hétero ou bissexual, mas isso não importa, porque ele fez de si mesmo seu objeto sexual e tem o prazer como sua preferência. Profissões como modelo, garçom, apresentador, cantor pop e, atualmente, esportista parecem atraí-lo, mas, verdade seja dita, como produtos de beleza e herpes, ele está por toda parte (FLOCKER, 2004 *apud* SIMPSON, 2002).

Mais do que um fenômeno atual, pode-se afirmar tratar-se de um estilo de vida a ser seguido pelos homens que buscam não apenas a beleza, mas ser um homem moderno, segundo nos mostra o livro de Michael Flocker, *O metrossexual: guia de estilo, um manual para o homem moderno* (2004) trata-se de uma descrição detalhada e uma atualização para que o homem possa se “tornar um atleta na nova era do homem metrossexual” (p. 16); assim, o referido autor, descreve que para tornar-se um metrossexual necessita de conhecimento em diversas áreas, sendo elas: arte, cozinha, etiqueta, vinhos, moda e estilo.

O homem utilizado como símbolo desse fenômeno foi o jogador inglês, David Beckham, conhecido por sua preocupação com a beleza, corpo por meio de maquiagens, vestir *griffes* caras, tirar sobrancelhas e principalmente por sua elegância, caracterizada pelo modo de vestir, portar-se à mesa, lidar com as mulheres, dentre outras. Entretanto, outros famosos podem ser citados igualmente como figuras deste fenômeno, tais como: Leonardo DiCaprio, Brad Pitt e outros mais próximos de nossa cultura brasileira, como por exemplo, os empresários Júlio Lopes e Alexandre Accioly e além desses, o publicitário Roberto Justus, bem como o jogador Alex Alves, do Atlético Mineiro (GARBOGGINI, 2006; TENÓRIO & PINTO, 2005; DÁVILA, 2003;)

Podemos ainda descrever com minuciosidade que esse novo homem, descrito por algumas revistas da França, Itália e no Brasil como o “terceiro homem”, traz uma mudança na aparência e uma preocupação com a mesma, presente no uso de cremes anti-rugas e também tratamentos de pele, mudanças no corte e cor do cabelo, maquilagem, definição de sobrancelhas, faz musculação em busca de formas corporais perfeitas; entretanto, outros ousam ainda mais e se utilizam de *blush*, pó, rímel e lápis nos olhos (GARCIA, 2004, GARBOGGINI, 2006). Porém, outros metrossexuais, vão além e decidem depilar-se completamente e não ter pelos no corpo, sendo perceptível a modelação corporal, cintura fina, etc.

Entretanto, cabe ressaltar, que está surgindo um novo conceito, o de “*überssexual*” – termo alemão - para definir a nova tendência de masculinidade, uma tendência da masculinidade que se aproxima de homens como Bill Clinton, George Clooney – símbolo da *überssexualidade* - e Arnold Schwarzenegger, que encaram uma imagem muito mais clássica

do homem. Tal termo foi descrito pelos autores Marian Salzman, Ira Matathia e Ann O'Reilly, no livro intitulado *The Future of men* (O futuro dos homens). Assim, podemos destacar que *über* em alemão significa acima e em inglês, nesse caso, o equivalente, super; por conta disso, trata-se de um homem decidido, menos preocupado com o cuidado com a beleza como o metrosssexual, mas com aspectos mais masculinos (ou do estereótipo de macho) e, descrito por Vitor Martins (2005) “determinado a alcançar os mais altos níveis de qualidade em todas as áreas de sua vida”. Desse modo, a moda voltada para a depilação e ao uso de cremes, cede lugar a um estilo mais clássico de masculinidade, preocupa-se com a aparência, mas sem demasia; porém tal termo não ecoou no cenário mundial

3. Considerações Finais

O breve resgate da beleza masculina através dos tempos possibilitou-nos verificar que a preocupação com a beleza esteve presente em grande parte dos momentos pesquisados. Mais do que isso, percebeu-se pontos em comum para delimitar o homem belo. Dentre os aspectos vistos como relevantes, a juventude mereceu preocupação desde o Egito até os dias atuais; assim, os homens de um modo geral, buscavam a juventude para poderem tornar-se belos, utilizando-se de cremes que pudessem esconder suas rugas ou mesmo perucas para esconder a calvície.

As roupas foram usadas como ornamentos para ostentar a presença da beleza, muito mais do que as características corporais – aqui, destacamos os séculos: XV, XVIII e XIX; com o uso das cores que na época feudal denotavam a beleza, a moda dos sapatos altos para os homens, trazido pelo rei Luis XIV e a criação de roupas como mudança social.

Porém, o corpo e a força apareceram como principais fatores de identificação com a beleza. Desde os egípcios, passando pela Grécia antiga, sendo retratado pelos artistas renascentistas nas pinturas de Adão, Apollo, dentre outros e, sendo resgatado no século XX com os homens que participaram dos concursos *mister mundo* até os metrosssexuais com a supervalorização e definição do corpo. Cabe aqui ressaltar que o corpo considerado belo e desenhado por eles é extremamente parecido com o corpo definido de um metrosssexual, em que suas costas são largas e a cintura mais fina, mostrando-nos uma aproximação e resgate através dos séculos. Mesmo com alguma variação no período feudal no qual a magreza era sinônima de feiúra e um grande corpo (cheio), era denominado belo.

Mais do que isso, a proporção esteve presente em grande parte das pesquisas no que concerne ao corpo e ao todo. Medidas que foram usadas desde a Grécia antiga, passando pelos

séculos XVI e XVII, a perfeição e harmonia das formas era uma grande preocupação e busca dos homens para assemelhar-se à perfeição e consequentemente ao belo; haja vista ter sido a beleza associada ao bom e ao belo desde os filósofos pré-socráticos até os dias atuais com os metrosssexuais, preocupados com um corpo enxuto, cintura fina, sem que os homens sejam extremamente fortes, mas com um toque de feminilidade e classe.

A preocupação em tornar-se belo utilizando-se de produtos naturais, foi outro ponto trazido na pesquisa, pois os egípcios que se utilizavam de cremes para as rachaduras dos pés por morarem nos desertos, o uso de óleos, banhos e cremes para embelezarem a pele pode ser comparado com a preocupação corporal dos metrosssexuais da atualidade que fazem uso dos mais diversos cremes, depilação, óleos, etc. Ambos possuem muitas semelhanças, não só com o uso de cremes, mas também com as roupas e adereços que possam valorizar seus corpos, sem que necessariamente os tornem femininos.

Assim, percebe-se que a questão da beleza historicizada, esteve presente em grande parte das épocas passadas. Entretanto, os aspectos que definiam a beleza masculina, eram diferentes; modelos de beleza masculina destacaram-se por meio de aspectos como roupas, corpo, força, adereços, harmonia e proporção corporal, o uso de cremes e a atenção à etiqueta, constituíram-se como fontes de beleza e não necessariamente um terreno exclusivamente de preocupação feminina, mas presente na preocupação do universo masculino desde a antiguidade, modificado através dos tempos e retomado na atualidade por meio do “novo homem”, o metrosssexual e, divulgado na mídia, como uma nova forma de viver a masculinidade, sem preconceitos.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, F. A moda dos cavalheiros: um estudo da Henry Poole and Co., alfaiates da Savile Row 1861-1900. In.: *Fashion Theory: a revista da moda, corpo e cultura. Masculinidades* [edição especial], edição brasileira, n. 4, dez. 2002.

ART, J. F. de V., o grande construtor. Tradução: Alexandre Massella. *Revista História Viva Grandes Temas*, nº 5, Edição Especial, p. 64, 2005.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor, 2001.

BESSA, R. A. S. O homem feminino. *Diário do Nordeste*, Fortaleza-Ce, 01 fev. 2009. Disponível em <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=610664>. Acesso em 26/03/2009.

BRANDINI, V. *Moda, comunicação e modernidade no século XIX.* A fabricação sociocultural da imagem pública pela moda na era da industrialização. Disponível em http://www.utp.br/interin/artigos/artigo_dossie_valeria.pdf. Acesso em 26/03/2009.

CARELLI, G.. O inventor do luxo. *Revista Veja Online*, Edição 1920. 31 de agosto de 2005. Disponível em http://veja.abril.com.br/310805/p_110.html. Acesso em 26/03/2009.

CASTELFRANCHI, Y. Os oblíquos caminhos do belo. *Com Ciência - Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, n. 78. 10/07/2006. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=15&id=138>>. Acesso em 04/03/2009.

CONNELL, R. La organización social de la masculinidad. In.: TEREZA, Valdes; OLAVARRÍA, José. *Masculinidades es: poder y crisis*. Isis International. Chile, 1997, p. 31-48.

DAMBROS, D. D. et al. O corpo na idade média. *Revista Digital* - Buenos Aires - Ano 13 - N° 121 - Junho de 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd121/o-corpo-na-idade-media.htm>>. Acesso em 08/03/2009.

ECO, U. *História da Beleza*; tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ETCOFF, N. *A lei do mais belo: a ciência da beleza*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1999.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio Século XXI*: o dicionário da língua portuguesa – 3^a edição. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1999.

FLOCKER, M. *O metrosssexual*: guia de estilo: um manual para o homem moderno; tradução de Santiago Nazarian. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004.

FOLHA ONLINE. Endereço eletrônico. Disponível em: <<http://mestres.folha.com.br/pintores/09/curiosidades.html>>. Acesso em 18/03/2009

GARBOGGINI, F. B. *O metrosssexual na publicidade*: um modelo masculino em crescente apresentação na mídia. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília -DF. anais do XXIX Congresso Bras. de Ciências da Comunicação. São Paulo - SP : Intercom, 2006. v. 01.

GARCIA, W. O corpo contemporâneo: a imagem do metrosssexual no Brasil. *Revista Virtual de Humanidades*, 11: 1-15, 2004.

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1995.

GARCIA, W. O corpo contemporâneo: a imagem do metrosssexual no Brasil. *Mneme – Revista Virtual de Humanidades*, n. 11, v. 5, jul./set. 2004.

KUCHINSKY, C. *Beleza através dos tempos - Antigo Egito*: A história da beleza, olhando para as roupas, cosméticos e estilos dos antigos egípcios. Disponível em: <<http://translate.google.com.br/translate ?hl=ptBR&langpair =en|pt&u=http://www.thebeautybiz.com/67/>>

Modapalavra E-periódico

article/ history /beauty-through-ages egypt&prev= /translate_s %3Fhl% 3DptBR%26q%3Dbeleza %2Bdos%2Bhomens %2Begipciros% 26tq%3Dbeauty%2 Bof% 2B Egyptian %2Bmen%26sl%3Dpt%26tl%3Den_. Acesso em 27/02/2009.

LAVER, J. *A roupa e a moda*: uma história concisa. Capítulo final [por] Christina Probert; tradução Glória Maria Mello Carvalho – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MARTIN, V. *Em lugar do metrossexual, o homem do futuro será "übersexual*. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2005/10/11/ult1766u12352.jhtm>>. Acesso em 08/03/2009.

MATOS, C. E., GENTILE, P. e FALZETTA, R. Em busca do corpo perfeito. IN: *Revista Nova Escola*. Abril, São Paulo: edição 173, ago. 2004.

MERLEAU-PONTY, M. (1960). *O olho e o espírito*. Tradução Paulo Neves e Maria E. Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MOTA, M. D. B. *De Vênus a Kate Moss*: reflexões sobre corpo, beleza e relações de gênero. Actas de Diseño, v. 5, p. 100-104, 2008.

MOTA, M. B. e BRAICK, P. R. *História*: das cavernas ao terceiro milênio. São Paulo: Moderna, 2002.

OLIVEIRA, P. P. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

POPE, H. G. *O complexo de Adônis*: a obsessão masculina pelo corpo. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

PORTAL SÃO FRANCISCO. Endereço eletrônico. Disponível em: <<http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/mitologia-grega/adonis.php>>. Acesso em 08/03/2009.

PROENÇA, G. *História da Arte*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

ROCHA, F. B. Mito e religião nos festivais esportivos gregos do período clássico. 2006. (Apresentação de Trabalho/Comunicação). *Revista Eletrônica Nearco* - Disponível em <http://www.nea.uerj.br/nearco/arquivo11.pdf>. Acesso em 1º/03/2009.

RUBIO, K. *Do olímpio ao pós-olímpio*: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. Rev. paul. Educ. Fís., São Paulo, 16(2): 130-43, jul./dez. 2002.

RUTHERFORD, M. *Egito em destaque: o egípcio antigo conceito de beleza*. Disponível em: < http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR &langpair=en|pt&u=http://www.touregypt.net/featuresstories/beauty.htm&prev=/translate_s%3Fhl%3DptBR%26q%3Dbeleza%2Bdos%2Bhomens%2Begipciros%26tq%3Dbeauty%2Bof%2BEgypti na%2Bmen%26sl%3Dpt%26tl%3Den>. Acesso em 27/02/2009.

SANTOS, L. C. T. A atividade física e a construção da corporeidade na Grécia antiga. *Revista da EDUCAÇÃO FÍSICA/UEM* 8(1): 73-77, 1997.

SENNET, R. *Carne e pedra*. O corpo e a cidade na civilização ocidental. São Paulo: Record, 2001.

SOBOL, D. J. *O homem medieval*. Tradução: Maria Yelza Ustra. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1959.

SOUZA, A. F. C. *O percurso dos sentidos sobre a beleza através dos séculos*: uma análise discursiva. Dissertação (Mestrado em Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, SP: [s.n.], 2004.

TENÓRIO, B. L.; PINTO, R. P. A. *O fenômeno metrosssexual*: o papel da publicidade na construção de um novo modelo de homem. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1093-1.pdf>>. Acesso em 05/08/ 2009.

TORRI, G.; BASSANI, J. J.; VAZ, A. F. Dor e tecnificação no contemporâneo culto ao corpo. *Pensar e Prática*, 10/2: 261-273, jul./dez. 2007.

VICENTINO, C. e DORIGO, G. *História para o ensino médio*: história geral e do Brasil. São Paulo: Editora Scipione, 2002.

VICENTINO, C. *História geral*. São Paulo: Scipione, 1997.

Data de Re却imento: 11/11/2009

Data de Aceitação: 29/04/2010